

APRESENTAÇÃO DOSSIÊ

MAGOS, BRUXAS, FEITICEIRAS E
HERÉTICOS: PROBLEMAS, TEMÁTICAS,
FONTES E REFLEXÕES
HISTORIOGRÁFICAS

APRESENTAÇÃO DOSSIÊ

Nas últimas décadas, os estudos históricos sobre magia, feitiçaria, bruxaria e heresia passaram por um processo de renovação em suas abordagens, teorias e metodologias. Inseridos em debates mais amplos sobre poder, gênero, colonialidade, cultura e representações, esses temas têm se afirmado como campos privilegiados para a compreensão das dinâmicas sociais, políticas e simbólicas que atravessam diferentes temporalidades e espaços.

Autores como Carlo Ginzburg (1991), Carlos Roberto Figueiredo Nogueira (1991), Marion Gibson (2024), Laura de Mello e Souza (1986), Jean Delumeau (2009), Stuart Clark (2006), Ronaldo Vainfas (2011), Jeffrey Russel e Brooks Alexander (2019), Brian Levack (1988), Luiz Mott (2010) e Anita Novinsky (2020) foram fundamentais para deslocar o olhar historiográfico sobre a magia, feitiçaria e Inquisição, evidenciando sua inserção em universos simbólicos complexos e sua relação direta com transformações sociais, religiosas e políticas. Contribuições oriundas da história cultural, da história das religiões, dos estudos de gênero, da micro-história e das abordagens decoloniais ampliaram esse campo, permitindo compreender como as categorias de “bruxa”, “feiticeira”, “herege”, “pagão” ou “satânico” foram historicamente produzidas, mobilizadas e disputadas.

O dossiê **“Magos, Bruxas, Feiticeiras e Heréticos: Problemas, Temáticas, Fontes e Reflexões Historiográficas”** reúne quatorze artigos que dialogam com essa renovação, explorando múltiplas experiências históricas através de um amplo leque de fontes, da Antiguidade Tardia ao século XX, da Europa medieval e moderna às Américas. Em comum, os trabalhos aqui apresentados interrogam os processos pelos quais determinados saberes, corpos e práticas foram classificados como mágicos, demoníacos, heréticos ou desviantes, bem como as formas de repressão, negociação e resistência que emergiram desses enquadramentos.

Um primeiro eixo do dossiê concentra-se nas **relações entre cristianização, demonização e perseguição aos saberes mágicos**, com especial atenção às dinâmicas de gênero. Os artigos que abordam a Antiguidade Tardia e a Idade Média analisam como discursos teológicos, jurídicos e culturais construíram a figura do “outro” como ameaça espiritual e moral. A perseguição aos saberes mágicos femininos, a demonização de divindades e práticas ancestrais, a associação entre corpo, pecado e desordem, bem como a instrumentalização da imagem do Diabo nos

discursos de poder eclesiástico e secular, revelam a centralidade da misoginia da ortodoxia religiosa e da política na consolidação dessas narrativas repressivas. O artigo de Anna Flávia de Almeida Figueiredo, analisa a perseguição cristã aos saberes mágicos femininos na Antiguidade Tardia, destacando a construção teológica e política da demonização dessas práticas. O texto evidencia o papel da misoginia, da legislação imperial e da ortodoxia cristã na repressão aos saberes femininos. Matheus Brum Domingues Dettmann, examina as percepções medievais sobre a magia a partir da *Historia Normannorum*, de Dudo de Saint-Quentin, demonstrando que a aceitação ou condenação das práticas mágicas obedecia a lógicas políticas e sociais, e não à simples oposição entre razão e superstição. Ismael da Silva Nunes e Matheus da Silva Carmo, investigam a construção da imagem do Diabo na Idade Média e sua inserção nos discursos de poder da Igreja e do Estado. O estudo destaca a demonologia como instrumento de controle social, com foco no Portugal do século XV.

Outro conjunto de artigos dedica-se à **magia, feitiçaria e heresia em contextos judiciais e inquisitoriais**, examinando processos, acusações e testemunhos como fontes privilegiadas para compreender tensões sociais, hierarquias raciais e mecanismos de controle. Ao analisar casos da Inquisição portuguesa na Bahia setecentista ou acusações de necromancia no Brasil republicano, os autores evidenciam como práticas mágicas foram mobilizadas como categorias de exclusão, subalternização e criminalização, especialmente quando associadas a sujeitos racializados, pobres ou marginalizados. Esses estudos destacam ainda o papel das instituições jurídicas e penais na legitimação da repressão e na produção de narrativas sobre ordem, moralidade e civilização. Maria Manuela de Sousa Rocha, aborda o processo inquisitorial contra José Martins, homem preto e livre acusado de feitiçaria na Bahia setecentista. O artigo examina os testemunhos como expressões de tensões sociais, medos coletivos e dinâmicas de poder no contexto colonial. Lucas Vieira de Melo Santos, estuda o processo por feitiçaria contra Catalina Redonda, julgado pela Real Audiência e Chancelaria de Valladolid em 1560. A partir dos Estudos de Gênero, o artigo discute a feminilização da feitiçaria, o descompasso entre justiça local e central e evidencia a agência da acusada ao utilizar os mecanismos jurídicos como estratégia de resistência. Inês Teixeira Barreto, examina uma acusação de necromancia ocorrida em Londrina, em 1951, analisando a feitiçaria como categoria de exclusão e subalternidade. O artigo articula imprensa, legislação penal e repressão institucional no Brasil republicano.

O dossiê contempla reflexões sobre **representações do satânico, do herético e do pagão na modernidade e no mundo contemporâneo**, ampliando o debate para além dos marcos cronológicos clássicos da feitiçaria européia. Ao investigar o cinema de horror, o medievalismo presente em obras esotéricas do século XX ou as leituras modernas sobre o Diabo, esses trabalhos demonstram como imaginários religiosos e mágicos continuam a operar como instrumentos de produção de alteridade, medo e poder, frequentemente articulados a processos de colonialidade cultural, racial e religiosa. Rafaela Arienti Barbieri, analisa as representações do satânico a partir da história das religiões e das colonialidades. O artigo investiga o cinema de horror estadunidense das décadas de 1960 e 1970 como espaço de produção de medos religiosos e usos políticos de Satã. Janyne Barreto Figueiredo, examina o medievalismo e as masculinidades presentes em *Witchcraft Today* (1954), de Gerald Gardner. O artigo discute paganismo, Igreja e gênero a partir da Análise do Discurso.

Um quarto eixo articula **gênero, corpo e resistência**, explorando como mulheres, feiticeiras, prostitutas, indígenas ou personagens trágicas, foram historicamente construídas como corpos desviantes ou heréticos, ao mesmo tempo em que produziram práticas de resistência e negociação. As análises sobre a prostituição no Brasil do século XIX, sobre as mulheres Tupinambá no Maranhão colonial ou sobre a figura de Medeia na tragédia grega revelam como o corpo feminino se torna um campo de disputa simbólica, política e moral, tensionando os limites do poder patriarcal, colonial e religioso. Letícia de Oliveira Santos, interpreta a prostituta como “corpo herético” no Brasil do século XIX, especialmente após a Grande Seca de 1877. O artigo articula gênero, moralidade e poder, evidenciando a prostituição como espaço de estigmatização e resistência. Karen Cristina Costa da Conceição, dirige sua atenção aos relatos de missionários capuchinhos sobre as mulheres tupinambá no Maranhão colonial. O artigo esmiuça a colonialidade de gênero e a imposição de normas eurocêntricas sobre corpos, crenças e práticas indígenas. Lorena Gouvea de Araujo, analisa a representação do feminino na sociedade andina a partir das crônicas coloniais de Felipe Guamán Poma de Ayala e Inca Garcilaso de la Vega. O artigo investiga como a mentalidade cristã européia influenciou a cristianização e moralização das mulheres autóctones, evidenciando a reelaboração colonial de figuras míticas femininas e a demonização do poder feminino ancestral. Rafaela dos Santos Teixeira Guimarães, apresenta a personagem Medeia, da tragédia de

Eurípides, como expressão da *sophia* grega. O artigo reflete sobre o papel educativo da tragédia e sobre a forma como Eurípides constrói, por meio de Medeia, uma reflexão crítica sobre saber, autoria e sociedade no contexto ateniense do século V a.C.

O dossiê também aborda as temáticas do **esoterismo, do paganismo e das práticas mágicas em contextos específicos**, que contribuem para pensar a historicidade dessas práticas para além da repressão, enfatizando processos de adaptação cultural, circulação de saberes, privacidade, sincretismo e disputas éticas. Esses estudos demonstram que magia e esoterismo não são resíduos de um passado arcaico, mas campos dinâmicos de produção de sentido, identidade e conhecimento. Isabel Antonello Flores, analisa as receitas alquímico-medicinais de Caterina Sforza, discutindo a relação entre esoterismo, privacidade e vida feminina no século XV. O artigo evidencia a produção de saber como prática ligada à experiência pessoal e política da autora. Paola Vieira da Silveira e Camila Serafim Daminelli, investigam o neopaganismo no Brasil contemporâneo, destacando diálogos com religiões indígenas e afro-brasileiras. O artigo discute sincretismo, apropriação cultural, gênero e ética nas práticas pagãs atuais.

Ao reunir pesquisas que dialogam com diferentes tradições historiográficas, da história cultural à história das religiões, dos estudos de gênero às abordagens decoloniais, este dossiê busca contribuir para uma compreensão mais complexa e plural dos fenômenos associados à magia, à bruxaria, à feitiçaria, à heresia e às práticas religiosas consideradas como “dissidentes”. Mais do que objetos marginais, esses temas revelam-se centrais para pensar as relações entre saber e poder, normatividade e desvio, repressão e resistência ao longo da história.

Esperamos que este conjunto de trabalhos estimule novas reflexões, debates e investigações, reafirmando a relevância historiográfica de um campo que, ao interrogar o “outro”, ilumina as estruturas profundas das sociedades que o produziram.

Os organizadores:

Aline da Silveira (UFSC)

Francisco de Mendonça Jr. (UFSM)

Edison Cruxen (Unipampa)